



## Apresentação do livro '*Experiências de Vida e Formação*'

Profa. Dra. Cecília Warschauer

O livro *Experiências de Vida e Formação*, de autoria de Marie-Christine Josso, foi publicado pela Editora Cortez, São Paulo, 2004.

Conheci Marie-Christine Josso em Portugal, em 1996, no seminário “O porquê e o para quê do uso das histórias de vida”. Na época, quando iniciava o doutorado, circulavam entre os alunos de pós-graduação cópias do livro *O método (auto)biográfico e a formação*, com textos dos precursores da abordagem das histórias de vida. Por meio dessa antologia, coordenada por António Nóvoa e Matthias Finger, entrávamos em contato com o pensamento de Marie-Christine Josso, que, já no título de seu artigo, explicitava seu objetivo: “Da formação do sujeito... ao sujeito da formação”.

Ao participar daquele seminário, percebia que essa abordagem de formação tratava a pessoa de um modo diferente, pois não a excluía, mas ao contrário, baseava-se na descoberta e na valorização de sua singularidade. A pessoa de Marie-Christine também chamou minha atenção, por exemplo, na maneira como vinha aprendendo português. Contou-me que ia criando oportunidades de contato direto com a língua, tanto em suas viagens a Portugal, quando fazia questão de tentar se comunicar, quanto por meio de uma rotina de leituras. Um contato direto e refletido sobre a língua. Fiquei encantada e seduzida pelo “método”, assim como interessada em passar pela experiência, aprendendo francês, e poder, assim, melhor compreender e teorizar a respeito da “formação experiencial”, um dos conceitos chave das Histórias de Vida em Formação, que M.-Christine desenvolve neste livro.

Essa maneira de aprender uma língua estrangeira propiciou um caminho para minha reflexão, levando-me a analisar outras aprendizagens inscritas em minha história de vida, a partir da inversão da lógica prescritiva, dominante na educação escolar, e mantida posteriormente, inclusive na formação de professores. Ajudou-me a refletir sobre a centralidade da bagagem experiencial na formação: uma atividade do indivíduo sobre ele mesmo. Tenho a convicção de que *Experiências de Vida e Formação* poderá ajudar outros a inverter essa lógica.

A história de vida da autora também pode ajudar a entender essa abordagem de formação, pois tem aí suas raízes e foi matéria de sua tese de doutorado, quando mostrou a centralidade do sujeito aprendente, utilizando a análise de seu percurso de vida e maneira de “caminhar para si”, título de sua publicação. Na escola básica, não se interessava pelas aulas e se entediava, exceto quando havia uma relação afetiva com o professor ou a professora. Quando isso acontecia, havia uma enorme capacidade de implicar-se nas aulas, de tirar boas notas e até de fazer mais do que o professor pedia. Já na universidade, teve um enorme sentimento de liberdade, porque eram muito poucas as



aulas a que os alunos precisavam assistir: o trabalho pessoal e em grupos era muito mais importante. Foi aí que, pela primeira vez, teve a oportunidade de viver e conviver com os outros e identifica, nessa maneira de aprender, o que hoje chama de autoformação: um empenhamento pessoal, afetivo, com uma ligação entre os saberes e a vida, entre a vida cotidiana e os problemas internacionais, com a possibilidade de escolher e buscar conhecimentos nos livros, independentemente daqueles selecionados pelos professores. E essa busca levou-a, em seu percurso de vida, a conhecer em profundidade o pensamento de Jean Piaget, de quem foi aluna, Carl Gustav Jung, Carl Rogers, Paulo Freire, Edgar Morin, Gregory Bateson, dentre outros, além de filosofias e práticas orientais, como o Tai Chi Chuan e o Budismo.

O enraizamento dessa abordagem de formação em sua história de vida dá uma coerência entre o que fala e o que faz. Coerência necessária, sobretudo no campo da educação. Ainda tomando como exemplo minha aprendizagem do francês, pude experimentar essa coerência: sua presença afetiva, lúdica e rigorosa ajudaram-me a ter experiências diretas com a língua e tomá-las como matéria de reflexão. Lembro-me de minha primeira viagem a Genebra, um ano após tê-la conhecido em Portugal, quando aceitei o convite de assistir a uma de suas aulas. Pega de surpresa, ela preparara um jogo: simula uma entrevista e me vejo, sem saber falar quase nada de francês e ainda pouco entendendo do que diziam, sendo entrevistada pela classe a respeito da temática do curso “Mudar a vida”. Sem tempo para ficar nervosa, comecei a falar, com meus poucos recursos lingüísticos, sobre as mudanças que vivia. Refletindo, após o susto, pude perceber a maior delas: estabelecer uma outra relação com o erro, com o meu processo de aprendizagem e a relação entre ambos. Para isso, o exemplo de Marie-Christine foi fundamental: alguns meses antes, ela estivera na Faculdade de Educação da USP, dando um curso sobre as Histórias de Vida em português, necessitando de nossa ajuda para ajustar os verbos e as expressões. Esse ajuste é coerente com a metodologia das histórias de vida, pois inclusive num grupo de um mesmo universo lingüístico, freqüentemente percebemos que estamos a falar “línguas diferentes”. O esforço de tentar entender o raciocínio do outro, com seus referenciais e expressões, frutos de sua biografia, é fundamental. Exemplo de coragem, de humildade, mas também de coerência e rigor.

Falar em autoformação e autonomia, entretanto, não significa aprender sozinho, nem muito menos prescindir do formador. Marie-Christine explicita a sua importância e mostra como se dá o “caminhar com” o aprendente, ao ajudá-lo a reconhecer sua humanidade singular.

Sua abordagem de formação traz pistas e propõe desafios para reconfigurar as propostas de formação de profissionais de várias áreas. E, apesar de não ter sido pensada como uma metodologia específica para a formação de professores, estes podem desenvolver um novo olhar que ultrapassa a concepção escolar de formação, pois podem tomar consciência da enorme quantidade de experiências que cada um vive, de onde tira lições e aprende coisas. Seus alunos, que também são portadores de variadas experiências, vão utilizá-las para dar sentido (ou não) aos conteúdos disciplinares. Ter consciência disso pode ajudá-los a mudar a sua concepção de aprendizagem e de ensino e utilizar mais as experiências de seus alunos. Ressignificar suas próprias experiências escolares pode ajudar os professores nessa mudança e



“transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”, como diz Marie-Christine.

E o caminho proposto pela “Metodologia das Histórias de Vida em Formação” é a narrativa, pois ela permite explicitar a singularidade, e com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida, como propõe a autora.

Walter Benjamin, em seu conhecido texto “O narrador”, também destacou a importância da narrativa, já indicando que a relação do narrador com seu ouvinte tinha algo de formativo, pois ele era como um conselheiro, e “dar conselho” não significava responder a uma pergunta, mas sim, fazer uma proposta de continuidade de uma história que está a se desenrolar. A experiência narrada transforma-se, assim, na experiência daqueles que ouvem a história. “Um conselho fiado no tecido da existência vivida é sabedoria”, mas para formular o conselho é necessário antes de mais nada saber narrar uma história, diz Benjamin. E por que não aprender a partir das experiências da própria vida?

Esta apresentação de *Experiências de Vida e Formação* pretende convidar você, leitor, a “caminhar com” a autora, acreditando ser essa uma forma de ajudá-lo a “caminhar para si”.